

Marcas & Negócios

GALERIA RISOFLORES

Descentralização da arte

A democratização e a popularização da arte são premissas essenciais para a Galeria Risofloras. Localizada na Praça do Cidadão, em Ceilândia, a iniciativa foi criada para promover e valorizar a cena artística fora do Plano Piloto. O espaço expositivo surgiu, em 2018, pelo programa Jovem de Expressão, onde havia um posto da Polícia Militar abandonado na região.

“A Galeria Risofloras recebe esse nome em homenagem a um, entre tantos coletivos de artistas, que nasceu no Jovem de Expressão, a partir das iniciativas que oferecem formação na economia criativa para jovens entre 18 e 29 anos”, conta Gu da Ceí, artista visual e curador da Galeria Risofloras. Desde a sua fundação, o ambiente já recebeu mais de 20 exposições de diferentes temáticas e linguagens, desde fotografias até performances, pinturas e desenhos.

Para o Gu da Ceí, a Galeria é um lugar destinado, principalmente, à arte contemporânea. Ele ressalta que se trata de um espaço de experimentação, formação e impulsionamento de artistas periféricos que geralmente não encontram espaço em outros locais expositivos. “A gente nasce com esse intuito de descentralizar a arte contemporânea. Sabemos que os espaços expositivos estão muito centralizados no Plano Piloto e a Risofloras é a primeira, até então, de Ceilândia”, explica.

O artista visual defende que ambientes como a Risofloras mostram possibilidades de expressão e incentivam as pessoas a experimentarem novos

Divulgação



Rayane Soares e Gu da Ceí, curadores da Galeria Risofloras

conhecimentos. “As exposições de arte são uma forma de compartilhar informação e de apresentar a arte enquanto uma possibilidade de vida, seja de expressão ou de caminho profissional a ser seguido”, pontua. Rayane

Soares, que também é curadora da Galeria, complementa, destacando a relevância da Galeria especialmente por ela ter se tornado um ambiente que impulsiona novos artistas e, ainda, valoriza a arte periférica.

Três perguntas para

Gu da Ceí, artista visual e curador da Galeria Risofloras

Como a Galeria busca democratizar o acesso à arte no Brasil?

As artes visuais podem ser uma coisa mais próxima da população, como apresentar que os artistas e o público não precisam se deslocar a longa distância, para o Plano Piloto, para ver ou para expor suas artes. E é dessa forma que a gente busca democratizar o acesso à arte no Brasil, tornando ela mais próxima das pessoas, apresentando novos artistas, principalmente artistas que não têm espaço em outras galerias. Democratizar a arte a partir dessa descentralização e promoção de artistas historicamente colocados à margem.

Quais são os empecilhos de atuar na descentralização da cultura?

Além dos incentivos governamentais e privados para manter e crescer, acho que o maior empecilho de atuar na descentralização cultural é fazer com que as pessoas que estão no centro venham

consumir a arte que está na periferia, porque geralmente fazemos o movimento contrário, vamos para o centro consumir cultura. É um desafio essa mudança: fazer com que as pessoas do centro venham até a Galeria e, ainda, promover essa educação, tanto da comunidade local como da comunidade externa para consumir esses trabalhos de arte.

Como as exposições e atividades são pensadas para atrair e envolver públicos que normalmente não frequentam galerias de arte?

A maneira que a gente encontra de atrair e engajar essas pessoas que geralmente não frequentam as galerias de artes é apresentar temáticas que condizem com as suas realidades e vivências, mostrando que aquilo que está no espaço conversa com a história dessas pessoas. É fazer com que a pessoa se reconheça dentro da Galeria.

“Quando a gente fala de artes periféricas, de alguma forma, a gente está falando sobre arte negra, que por muito tempo foi e ainda é marginalizada, às vezes até mesmo não reconhecida como arte. Então, a Risofloras

nasce com essa ideia de mostrar que aquilo que aquele jovem faz, aquele artista faz é arte e que ela pode sim estar dentro de uma galeria”, ressalta.

A profissional indica que, além do âmbito cultural e profissional,

o envolvimento da arte com o ser humano também está atrelado ao resgate da identidade e da autoestima. “De alguma forma, o jovem periférico está falando sobre ele a partir de uma obra de arte. É sobre a identidade e o cotidiano dele”, contextualiza. Além disso, segundo Rayane, essa produção permite que outros indivíduos se identifiquem com a história retratada pela arte construída na periferia.

“A gente está com a exposição do Foto de Quebrada, que são fotos de diferentes lugares do Brasil, mas o que as une é a questão da geografia periférica. Eu consigo me identificar com a jovem negra do Rio de Janeiro, por exemplo, porque de alguma forma aquele ambiente onde ela cresce ou aquela música que ela escuta e até mesmo aquela estética de roupa que ela usa é a mesma que a minha” exemplifica.

Exposições para 2025 Na Galeria, a seleção das exposições são realizadas de diferentes formas. Uma delas é via edital de chamamento. De acordo com os curadores, a agenda da Risofloras para 2025 está praticamente fechada. “Estamos com um edital de ocupação para o ano que vem, em que a gente vai selecionar cinco exposições para ocupar a Galeria ao longo do primeiro semestre”, sinaliza Gu da Ceí.

Rayane também indica que, em breve, será lançado mais um edital para a ocupação do espaço para o segundo semestre de 2025. “A Risofloras tem conseguido funcionar durante todo o ano. Em 2024, esteve aberta todos os meses com um grande fluxo de visitação”, celebra.

» Entrevista | DANIELA BITTENCOURT | PESQUISADORA DA EMBRAPA

Ao Podcast do **Correio**, a secretária executiva do comitê que avalia o tema na empresa destacou que a planta pode ser utilizada em outras áreas, como as de cosméticos, indústria têxtil e construção civil. Projetos de pesquisa foram apresentados à Anvisa

Embrapa vai estudar a cannabis

» ISABELA STANGA

Em novembro, o Supremo Tribunal de Justiça (STJ) autorizou o cultivo da cannabis medicinal pela indústria brasileira. A ação representa um grande avanço para a pesquisa sobre a

planta no Brasil, de acordo com a pesquisadora da Embrapa e secretária executiva do Comitê Permanente de Assessoramento de Pesquisa em Cannabis, Daniela Bittencourt.

Em entrevista aos jornalistas Adriana Bernardes e Ronayre Nunes no Podcast do **Correio**, Daniela destacou que a

cannabis pode ser utilizada para além da medicina, como na indústria cosmética, na construção civil e na indústria têxtil. A especialista apontou que existe um amplo mercado a ser explorado com a cannabis — e que o país tem chance de ser o líder mundial na produção da planta e de seus

produtos. “Eu tenho perspectiva que o Brasil tem uma oportunidade de ser líder mundial em termos de produção devido a nossas tendências agrárias. Nós somos o país do agro, vamos dizer assim. Temos essa cultura, temos o know-how, temos a terra e temos bons produtores”, defendeu.

Segundo ela, a Embrapa apresentou à Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) três projetos para estudo da cannabis. A especialista acredita que as pesquisas poderão contribuir para amadurecer o mercado, que ainda enfrenta questões morais e preconceito.

Fala-se muito do uso medicinal da cannabis. Mas há pesquisas apontando para outras áreas. A indústria têxtil já usa, por exemplo. Quais são as outras?

Construção civil, alimentos, cosméticos — principalmente produtos para a pele, o óleo é muito bom. No exterior, é possível encontrar muitos cremes para pele, produtos relacionados à hidratação, feitos de óleo do cânhamo. Na construção civil, utiliza-se a fibra na produção de blocos. Inclusive, isso é muito interessante, porque ela não deixa ficar muito quente, é mais difícil haver combustão, então, ela tem propriedades que podem vir a ser uma forma de se trabalhar na construção civil economicamente correta, uma forma mais sustentável, de menor impacto ao meio ambiente.

Esse estudo é pioneiro na Embrapa. O que vocês esperam após a decisão do STJ de liberar o plantio da cannabis para a indústria medicinal?

Estamos muito ansiosos para poder começar. Apresentamos nossos três primeiros projetos estruturantes à Anvisa, para dar início aos trabalhos do nosso programa de pesquisa com a cannabis, e eu imagino que essa regulamentação vai ter um impacto

muito grande. Nossa ideia no desenvolvimento dessas pesquisas é auxiliar a definição de políticas públicas. Com respaldo técnico, podemos mostrar para a população que temos a capacidade de produzir essa planta no país, de desenvolver um sistema de produção de forma segura, seja para fins medicinais ou para o produtor, em busca de uma nova cultura na sua terra.

Vocês fizeram um estudo sobre o potencial da cannabis no mercado. O que ele mostrou?

Existe uma demanda muito grande, principalmente em alguns países, como os Estados Unidos, por exemplo. Lá, praticamente quase todos os estados, de certa forma, autorizam. Fala-se sobre essa questão de uma maneira mais ampla. No Canadá, a mesma coisa. Na Europa também: na França, no Reino Unido, na Alemanha, que mudou a regulamentação recentemente. É um mercado que tem um potencial muito grande de aplicação; um mercado que está

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



Aponte a câmera do celular para o QR Code e assista ao podcast

crescendo, amadurecendo, vamos dizer assim, porque eu acho que ele ainda não chegou no seu ápice. Isso por questões ideológicas, preconceito, morais, desconhecimento dos benefícios que a cannabis pode trazer. Eu acho que nós, no Brasil, temos que ficar

atentos também. A questão não é só o produto. São os mercados, criar a cadeia produtiva, dar oportunidade de gerar empresas que atuem no ramo, que façam, desenvolvam produtos a partir da cannabis e que atendam a uma demanda mundial.

Já existe um mercado incipiente de cannabis no Brasil?

Com certeza, medicinal. Existem muitos estados autorizando o fornecimento do CBD via SUS (Sistema Único de Saúde), e todo esse medicamento hoje é fornecido, é importado. Assim, chega

muito caro para a população, de uma maneira geral, acaba que fica limitado. Com essa regulamentação, muitas portas serão abertas. Poderemos plantar, fazer estudos inclusive ampliados para todos os estados no Brasil.

Como você acredita que o mercado de cannabis irá evoluir no país?

Isso tudo vai depender de como as coisas vão caminhar, não é? Em 20 anos, por exemplo. Ainda temos muito a caminhar. Vai depender da conscientização da população. Se temos uma população que está aberta a consumir produtos provenientes da planta, gerando demanda no mercado, ele poderá crescer e se desenvolver. Não estamos falando do uso recreativo, mas, sim, de roupas, medicamentos, produtos de beleza, material de construção. Eu tenho perspectiva que o Brasil tem uma oportunidade de ser líder mundial em termos de produção devido a nossas tendências agrárias. Nós somos o país do agro. Temos essa cultura, temos o know-how, a terra, bons produtores. Temos a Embrapa, que também apoia toda essa parte de produção de alimentos no país. Não sei se a gente mensura isso, mas eu acho que o impacto, com certeza, será muito positivo.